

## ARTIGO 1

### UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA DA MISSIOLOGIA CRISTÃ

Davi Nogueira GUEDES\*

**RESUMO:** O cuidado de Deus em seu chamamento e missão de proclamar o Seu nome, passa por seu amor, sua justiça, ou seja, o evangelho na perspectiva do Reino de Deus. Com isso, ao longo da história, todo o relato bíblico vai servir de contexto para o advento do Messias, que passa a desempenhar uma missão que aponta e segue na direção do homem em sua totalidade – a missão do Reino de Deus, bem como do mundo ao seu redor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Calvino; Missão; Reino de Deus; Igreja.

---

\* Bacharel em Teologia pela Faculdade Presbiteriana Sul Brasileira (FATESUL); Membro do Presbitério de Curitiba (PCTB); Pastor na Igreja Presbiteriana Central de Curitiba (IPB); Email:

[davinogueiraguedes@gmail.com](mailto:davinogueiraguedes@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

À luz das Sagradas Escrituras, é possível afirmar que a missão tem a sua origem no próprio relacionamento da Trindade, sua Economia, e encontra a sua prática na Grande Comissão da igreja. É aí que o princípio da integralidade da missão encontra destaque, uma vez que entendemos que a igreja é missionária por natureza, por ser oriunda da missão de Deus, em seu propósito de restaurar a humanidade e trazer, através da vida da igreja, uma nova perspectiva de vida no mundo – a perspectiva do “novo céu e nova terra”.

O corpo de Cristo ocupa espaço nesta terra. Com a encarnação, Jesus exige um espaço entre os homens. Veio para o que era seu. Mas, ao nascer, deram-lhe um estábulo “porque não havia para eles na hospedaria”; na morte, expulsaram-no de maneira que seu corpo pendia entre o céu e a terra. Todavia, a encarnação encerra a reivindicação de espaço na terra. E o que ocupa lugar é visível. (BONHOEFFER, 1989, p.152)

É notório que nos últimos anos, que a Igreja Presbiteriana do Brasil, no que diz respeito à sua eclesiologia e mediante o desafio da plantação de novas igrejas, vem se

propondo a uma reavaliação de seus métodos a partir da conscientização missionária. Isto se torna evidente no olhar cuidadoso da igreja neste sentido, suas proposições, a formação teológica de seus obreiros, bem como uma enormidade de conferências e encontros para refletir a missão da igreja e seu engajamento.

Digo isso tanto na instância da igreja local quanto aos mais respeitados órgãos da instituição, como a Junta de Missões Nacionais e a Agência Presbiteriana de Missões Transculturais, além de um programa de pós-graduação em Missiologia, hoje oferecido pelo renomado Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas-SP, dentre outros.

## **1. MISSÕES CRISTÃS ATÉ O PERÍODO DA RENASCENÇA**

A ideia de missão cristã, inevitavelmente, está diretamente ligada à consciência da missão da igreja no mundo, a partir da perspectiva do Reino de Deus. No entanto, esta visão, sua interpretação, bem como, e até mesmo, sua confissão, pode variar entre diversas denominações cristãs, historicamente estabelecidas. Mas o que permanece (e precisa

permanecer para que haja o entendimento), é o objetivo final da proclamação do evangelho ao redor do mundo, a partir da Grande Comissão de Jesus (Mt 28.19-20), e da conscientização da missão de Deus, revelada ao longo de toda a Bíblia. (GONZALES, 1983).

No entanto, alguns períodos do cristianismo histórico se apresentaram como grandes marcos do esforço missionário da igreja cristã ao longo dos anos. A era das grandes navegações, pode ter aberto as portas das nações para a propagação das “boas novas”, uma vez que possibilitaram que algumas das grandes nações europeias o avanço por todas as terras, a partir do final do século XV, e início do século XVI. (CAIRNS, 1988).

Estas viagens tinham no comércio, sua principal finalidade. Mas é fato que o evangelho alcançou muitos lugares de carona com estas embarcações. Vale lembrar que foi em meio a estes burburinhos que surgiu a Reforma, além da revitalização do catolicismo romano, Contra-Reforma. Mas foi no catolicismo romano que as missões tiveram suas primeiras grandes investidas. (CAIRNS, 1988). Conforme um especialista em história:

Até o final do século 15, a atuação missionária católica romana limitou-se quase que exclusivamente à Europa ocidental. Fora da Europa ocorreram apenas umas poucas iniciativas isoladas, que não produziram resultados duradouros, como a missão do franciscano João de Monte Corvino na China em 1294. Também ficou célebre o trabalho persistente, porém infrutífero, do terciário franciscano Ramón Lull entre os muçulmanos do norte da África, onde foi morto por volta de 1315. A Europa oriental e o Oriente Médio eram campos de atuação da Igreja Ortodoxa, que enfrentava sérias limitações impostas pelo islamismo. Todavia, a partir de 1492, com o surgimento dos impérios coloniais espanhol e português nas Américas, na África e na Ásia, a Igreja Romana teve uma oportunidade inédita para expandir a sua fé nesses continentes ainda pouco alcançados. Nesse esforço tiveram papel destacado as ordens religiosas, tanto antigas (franciscanos, dominicanos, agostinianos) quanto novas, especialmente os jesuítas, oficializados em 1540. As perdas sofridas pela igreja na Europa em decorrência da Reforma Protestante foram compensadas pela conquista de outros povos para a cristandade. Em muitas regiões, os missionários católicos chegaram ao mesmo tempo em que os conquistadores e colonizadores, como foi o caso da América Latina e de algumas partes da América do Norte, África e Extremo Oriente. Em outros casos, os missionários atuaram fora de áreas colonizadas por seus correligionários, enfrentando, portanto, maiores dificuldades. Na África, as primeiras regiões atingidas, entre 1490 e 1650, foram o Congo, Angola, Moçambique e Madagascar, com

poucos resultados iniciais. Quanto ao Oriente, ficaram célebres os esforços de pioneiros como Francisco Xavier (Índia, Malásia, Japão), Rodolfo Acquaviva (Índia), Mateus Ricci (China), Alexandre de Rhodes (Indochina) e Roberto de Nobili (Índia), entre outros. Em virtude da colonização espanhola, as Filipinas tornaram-se o único país majoritariamente cristão da Ásia. Uma situação mais complexa envolveu a América Latina, em que os missionários atuaram lado a lado com os conquistadores e foram parte de um sistema que com freqüência explorou os nativos e contribuiu para a destruição da sua cultura e identidade. Houve, no entanto, honrosas exceções, como os frades Bartolomé de las Casas, Luis Beltrán e Juan de Zumárraga, que protegeram os índios, bem como Pedro Claver, o benfeitor dos escravos africanos na Colômbia. A expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses (1759) e espanhóis (1767) colocou um fim a esse período áureo das missões católicas no terceiro mundo. (MATOS, 2013)

## 2. MISSÕES CRISTÃS: DA RENASCENÇA SÉCULO XX

É imprescindível tecer de maneira sintética, porém objetiva, os fatores históricos que corroboraram diretamente na formação e no pensar da igreja ao longo dos últimos séculos. Nenhuma teologia ou filosofia está imune às influências, especialmente por firmar no desenrolar da história, suas estacas

e fundamentos radicais. Este compêndio pretende tecer este arcabouço filosófico-cultural que vem formando o pensamento missionário da igreja.

O Renascimento Cultural representa o marco de uma ruptura com as estruturas medievais, o início de uma transformação necessária, e a inauguração de um novo tempo. O Renascentismo trouxe à sociedade valores que suplantavam o totalitarismo da época, contudo reacendia um totalitarismo da existência, do “eu”.

Talvez este tenha sido o ponto de partida desta nova tendência. Marcondes assevera que o termo “renascimento” advém do Giorgio Vasari, em “Vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos”, obra datada de 1550, que designava a retomada do estilo clássico, vindo a romper com o gótico. Tal movimento provavelmente atingiu os séculos XIV a XVI na Europa Central, com destaque para a Itália. Segundo Marcondes a Renascença, além de proporcionar o redescobrimento da cultura antiga, influenciou e motivou, de maneira particularmente relevante, os preceitos humanistas e naturalistas, culminando no que se tem por racionalismo,

hedonismo, individualismo e antropocentrismo, dentre outros estilos e leituras do homem e suas relações. (MARCONDES 1997).

É possível constatar que o borbulhar do renascimento contribuiu de maneira decisiva para o rompimento derradeiro com a estrutura da tradição cultural radicada na Idade Média, proporcionando, de forma tangível, a sofisticação do pensamento modernista, voltado para o positivismo, e com isso, a transformação das realidades culturais e sociais.

Para Marins, a Renascença configurava uma inovação na consciência laica, na qual a arte enaltecia as habilidades humanas, elevando o desenvolvimento da arte em diversas categorias. Um fato decorrente de tal desenvolvimento foi o advento das explorações náuticas, o descobrimento dos mares, e, com isso, a propagação do pensamento artístico em todas as suas categorias (inclusive na ciência), culminando no rompimento com a supremacia católica romana instalada. Importante ressaltar que o movimento do renascimento lançou as balizas para o advento do Humanismo. (MARINS, 2002)



O Humanismo, como o próprio nome do movimento sugere, é caracterizado pela sua diferenciação do renascimento justamente no fato de estar focado no ser humano, ao passo que no outro, o renascimento, ambicionava uma ação em dimensões globais da sociedade.

Marcondes (1997) vai lembrar que as raízes do humanismo estão no lema filosófico de Pitágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”; e Marins (2002) vai mais longe, arriscando que o Humanismo é o ponto de partida para todos pensamento moderno.

Orientando no sentido de reviver os modelos artísticos da antiguidade clássica, tidos como exemplo de afirmação da independência do espírito humano, retornou-se assim à fonte do saber, a antiguidade greco-romana, despojada dos acréscimos teológicos medievais, e adaptaram-se seus ensinamentos à nova época (MARINS, 2002, Apêndice in: ROTTERDAM, Erasmo. Traduzido por Marins, 2002, p.122).

### 3. JOÃO CALVINO E A TEOLOGIA MISSIONÁRIA<sup>1</sup>

É bem aceito que o pensamento de Calvino extrapola os limites eclesiásticos, especialmente pela visão e elaboração literária de seu pensamento acerca da Igreja e seu contexto enquanto proclamadora do Reino de Deus na terra. Carriker lembra que, apesar desta constatação, popularmente é comum depreciar a contribuição de Calvino, inclusive dentro da igreja, especialmente no que se trata da obra missionária. (CARRIKER 2013).

É comum o olhar por parte da igreja no sentido de que Calvino foi o grande sistematizador da doutrina e teologia reformada, e não é raro pensar que tanto este teólogo quanto todo o movimento reformado restringiu-se ao campo das ideias e da do academicismo.

No início do século, o historiador da missão da igreja, o alemão Gustav Werneck, por exemplo, afirmou: “nós perdemos com os Reformadores não apenas a ação missionária, mas mesmo a ideia de missões... [em parte] porque perspectivas teológicas

---

<sup>1</sup> Todo o conteúdo desta abordagem está baseada no artigo de Timóteo Carriker, disponível em <http://www.ultimato.com.br/conteudo/joao-calvino-e-a-teologia-missionaria>; acesso em 04/10/2013.

fundamentais deles evitaram que dessem a suas atividades, e mesmo a seus pensamentos, uma direção missionária”. (CARRIER, 2013)

Mas é notável que, muito pelo contrário do senso comum, Calvino trouxe muita contribuição não só para o movimento missionário em si como também para a reflexão missionária que nutre o bom empenho missionário até os dias de hoje. Ele enviou centenas de missionários por toda a Europa e até ao Brasil. Portanto, não é um exagero atribuir-lhe o título de “pai do pensamento missionário protestante”.

É certo que Calvino não escreveu nenhuma “teologia de missão” ou reflexão a respeito da “missão” de Deus ou a “missão” da igreja. Historicamente, no século XVI nem mesmo o termo “missão” agregava o conceito que lhe é atribuído nos dias de hoje, reservando-se a referir-se exclusivamente à relação da trindade: a missão do Filho como o enviado do Pai e a missão do Espírito Santo como o enviado do Filho e do Pai.

Doravante, Calvino, em sua teologia, estabeleceu, mesmo que sem consciência plena do termo, uma vez que não constituía a ideia que se formou com o passar dos anos,

estabeleceu as bases bíblicas e teológicas para falar do papel da igreja na transformação da sociedade, e não apenas em termos locais, mas também em termos globais.

[...] Mesmo com toda a preocupação pela reforma da igreja na Europa, João Calvino contribuiu não só para o movimento missionário em si como também para a reflexão missionária que nutre o bom empenho missionário até os dias de hoje. Ele enviou centenas de missionários por toda a Europa e até ao Brasil. Não é um exagero atribuir-lhe o título de “pai do pensamento missionário protestante”. (CARRIER, 2013).

Na “*Missio Dei et missio Christi*” (“Missão de Deus e Missão de Cristo”), fundamentalmente, Calvino estabeleceu a base cristocêntrica e teocêntrica da missão. E deu forte apoio à evangelização através dos seus comentários. Calvino entendeu que, por meio de Cristo, Deus está atualmente reinando no nosso mundo. Isto é percebido em alguns de seus comentários bíblicos:

a) acerca de Isaías 2.4:

“a diferença entre o Reino de Davi, que era apenas uma sombra, e este outro Reino (...) [é que] pela vinda

de Cristo, [Deus] começou a reinar (...) na pessoa de seu Filho unigênito”.

b) acerca de Isaías 12.4-5:

“Esta exortação, pela qual os judeus testemunharam a sua gratidão, deve ser considerada o precursor da proclamação do evangelho, que depois seguiu na ordem certa. Como os judeus proclamaram entre os medos e os persas, e as outras nações vizinhas, o favor que era demonstrado para eles, assim, quando Cristo se manifestou, eles deveriam ter sido arautos para ressoar em alta voz o nome de Deus através de cada país do mundo. Portanto, é evidente qual seja o desejo que deve ser o tesouro de todos os piedosos. É que a bondade de Deus seja conhecida por todo e que todos se reúnam no mesmo culto a Deus. Nós devemos ser especialmente possuídos deste desejo, depois de sermos libertos de algum perigo alarmante, e acima de tudo, depois de ter sido libertos da tirania do diabo e da morte eterna”.

c) acerca do Salmo 22.8:

“esta passagem, não tenho dúvidas, concorda com muitas outras profecias que representam o trono de Deus erguido, no qual Cristo pode assentar-se para comandar e governar o mundo”.

d) acerca de Miqueias 2.1-4:

“O reino de Cristo somente se iniciou no mundo quando Deus mandou que o evangelho fosse proclamado em todo lugar e... hoje o seu curso ainda não se completou”.

e) acerca de Ezequiel 18.23:

“Deus certamente nada mais deseja, para aqueles que estão perecendo e correndo para a morte, que retornem para o caminho da segurança. Por isso o

evangelho é proclamado hoje por todo o mundo, porque Deus quis testemunhar por todas as épocas que ele se inclina grandemente para a misericórdia”.

f) e acerca de 1 Timóteo 2.4:

“Não há nenhum povo e nenhuma classe no mundo que seja excluída da salvação; porque Deus deseja que o evangelho seja proclamado para todos sem exceção”. (CARRIER, 2013).

Nestas declarações, fica claro que o conceito e as implicações do conceito do Reino de Deus por meio de Cristo é a base nos escritos de Calvino para a sua Missiologia implícita.

Acerca de Isaías 2.2, Calvino comentou que haverá “progresso ininterrupto” na expansão do reino de Cristo “até que Ele apareça uma segunda vez para nossa salvação”. Uma das implicações deste reino presente é a destruição da distinção entre judeus e gentios e a necessidade consequente da proclamação dos Evangelhos entre todos os gentios do mundo. Isto também decorre da sua noção de eleição. Diante do governo de Cristo sobre toda a terra, há duas respostas: os reprobos negam o domínio de Cristo e até o atacam e os eleitos são “trazidos para prestar uma disposta obediência a Ele”. Nada poderá barrar o avanço do governo de Cristo. E a tarefa da igreja é pregar a Palavra de Deus porque “não existe outra forma de edificar a igreja de Deus senão pela luz da Palavra, em que o próprio Deus, por sua própria voz, aponta o caminho da salvação. Até que a verdade brilhe, os homens não podem se unir juntos, na forma de uma verdadeira igreja”. Deus escolheu usar as

peças como seu instrumento para pregar o Evangelho para todas as pessoas. O que motiva as pessoas a pregar o Evangelho é o zelo pela glória de Deus, a finalidade principal de toda a humanidade. Conforme Charles Chaney, “o fato de que a glória de Deus era o motivo primordial nas primeiras missões protestantes e isto ter se tornado, mais tarde, uma parte vital do pensamento e atividade missionárias, pode ser traçado diretamente em direção à teologia de Calvino”. Assim, vemos a reflexão de Calvino que contribui significativamente para a teologia de missão hoje. (CARRIER, 2013).

Existem objeções a estas afirmativas, especialmente no sentido de que a teologia de Calvino ofereceu dificuldades teológicas para o desenvolvimento posterior da missão da igreja, especialmente referindo-se ao conceito e à doutrina da Predestinação, além de um suposto entendimento acerca da Grande Comissão estabelecido de forma errônea por parte do teólogo.

O que se nota é que, na Predestinação, a obra missionária torna-se irrelevante. Mas num exame mais cuidadoso, é possível notar com muita clareza que esta não é a lógica de Calvino, uma vez que argumentava que o principal

instrumento que Deus usava para salvar as pessoas era a pregação da Palavra de Deus:

“Embora ele seja capaz de realizar a obra secreta de seu Santo Espírito sem qualquer meio ou assistência, ele também ordenou a pregação externa, para ser usada como um meio. Mas para torná-la um meio efetivo e frutífero, ele escreve com seu próprio dedo em nossos corações aquelas palavras que ele fala em nossos ouvidos pela boca de um ser humano”. “Deus não pode ser invocado por ninguém, exceto por aqueles que conheceram sua misericórdia por meio do Evangelho”. (CARRIER, 2013).

Em relação à Grande Comissão, é certo e está explícito nos documentos mais fiéis da Reforma, que Calvino interpretou este dogma referindo-se exclusivamente ao ministério apostólico do primeiro século. Mas não é possível atribuir a Calvino o entendimento de que os apóstolos partiram para a proclamação do Evangelho não com o intuito de que este desafio fosse esgotado em seu tempo, como muitos, inclusive, na igreja primitiva, pensavam. Nem se pode afirmar que Calvino não se preocupava com o futuro da Igreja e sua missão de proclamação. Calvino:



[...] entendeu que os apóstolos completaram apenas o início da tarefa e que a evangelização do mundo continua uma tarefa para a igreja. Calvino, como os outros reformadores, era apenas contra a doutrina católica da sucessão apostólica e assim argumentava que o apostolado era um “munus extraordinarium” temporário que cessou com os doze. A Grande Comissão fazia parte deste argumento contra o catolicismo, mas não contra a evangelização mundial em si. (CARRIER, 2013).

Portanto, a dicotomia entre a espiritualidade e o engajamento social não é herança de Calvino, e sim de alguns dos seus seguidores em séculos posteriores. Para Calvino, o discípulo de Cristo deveria seguir o evangelho no seu pensamento e por ações sociais e políticas.

Portanto, é correto afirmar que Calvino tinha categoricamente preocupações com a missão da igreja, e isso estava implícito em seus escritos (explícito, inclusive, em boa parte deles); bem como em sua teologia e prática litúrgica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após pesquisar e refletir sobre tema missão da igreja na perspectiva do Reino de Deus, podemos afirmar que a Bíblia

apresenta um plano missionário de Deus, que envolve toda a extensão do Reino, em todas as suas perspectivas. Deus é o executor deste plano ao longo da história, desde a criação, onde este plano integral é revelado como ação de Deus em restauração de todas as coisas criadas, com o propósito bem definido de redenção em Cristo.

Em sua soberania, Deus inclui o homem criado não somente para refletir sua imagem na criação, mas para continuar a execução deste plano de ação missionária, especialmente através do mandato cultural, que implica em que o homem cuide da criação como um todo. Isto vai revelar, impreterivelmente, a responsabilidade social da igreja em relação às necessidades decorrentes da queda. Encontramos razão para afirmar que se trata de um imperativo para a igreja, não uma opção, ou modelo missionário, uma vez que, à luz destas considerações, entendemos que a missão da igreja precisa ser integral.

Isso indica que sempre competiu à igreja, na prática da comunidade primitiva, passando pelos pais da igreja, prevalecendo nos anos de escuridão da história, ressurgindo na

Reforma, sobrevivendo ao racionalismo, fortalecendo nos movimentos missionários e na teologia contemporânea apologética, o papel da pregação do evangelho integral de Jesus Cristo, as Boas Novas do Reino com todas as suas implicações, ensinando a todo cristão que ele foi eleito por Deus com um propósito bem definido de levar o evangelho todo, para todo homem, para o homem todo, enquanto cidadão da terra.

A igreja revela ao mundo em sua missão que Deus, juntamente com o decreto eterno da eleição, tem um propósito especial na vida dos seus eleitos, e a sua realização independe do contexto geográfico, cultural e histórico onde a igreja venha a se encontrar fisicamente, ou seja, o este propósito de Deus para a vida dos cristãos de modo geral, é oriundo do chamado divino, que rompe com a história para resgatar seus eleitos, levando seus eleitos a romper com tais possíveis barreiras, para dar seguimento uma vez mais a este chamado.

À luz da Bíblia, a igreja é desafiada a se posicionar contra o dualismo decorrente de uma compreensão missionária separatista entre sagrado e profano, igreja e mundo, achado e perdido, e exercer seu papel a favor da justiça do evangelho que

está firmada tão somente na ação do amor e da graça de Deus em favor dos homens, e venha a se posicionar de modo firme e relevante mediante a sociedade, com ações concretas que revelem a presença do Reino de Deus entre os homens.

A igreja deve ensinar aos crentes a viver sua vocação de modo que honre e dignifique o nome de Jesus Cristo, dando por ele graças a Deus Pai, e abençoando a humanidade através de sua missão que de maneira alguma pode ser limitada a alguns aspectos da vida, quer espirituais, quer sociais, de tal maneira que o aspecto político e social da igreja enquanto parte integrante da sociedade não podem ser negligenciados, e sua responsabilidade civil também deve fazer parte de sua adoração a Deus.

## REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrick. **Discipulado**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1989.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CARRIKER, Timóteo. **O caminho missionário de Deus: Uma teologia bíblica de missões**. Brasília: Editora Palavra, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARINS, Alex (tradutor) de **Elogio da Loucura – Erasmo de Rotterdam**. São Paulo: Martim Claret, 2002.

MATOS, Alderi Souza. **Reforma Protestante do Século XVI**. Disponível em [www.mackenzie.br.6962.html](http://www.mackenzie.br.6962.html), acesso em 26/10/2013.